

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: EDUCAÇÃO VOLTADA PARA OS INTELECTUAIS ORGÂNICOS

TEACHER TRAINING: EDUCATION FOR ORGANIC INTELLECTUALS

Filipe Sales¹, Guilherme Santos Pinto², Pedro Santos Santos³

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão acerca da formação de professores na atualidade, a partir dos escritos de Antônio Gramsci, em especial sobre a função dos intelectuais “orgânicos”, dentro de uma visão crítica da sociedade, com vistas à transformação social. Centralmente, dialogamos com a compreensão de intelectuais apresentada por Gramsci em seus escritos do cárcere, assim como, sobre a influência destes na gestão escolar, bem como no processo de formação docente. Reconhecemos a importância desta concepção para a formação de um pensamento crítico e, de certa forma, determinante nos processos culturais, educacionais, e de formação de profissionais críticos e implicados no processo de gestão escolar. Trata-se de um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa. Destacamos a importância de uma cultura baseada em uma educação humanista, proposta por Gramsci, como também, sobre a influência da teoria do autor sobre os processos formativos docentes, e sua influência na gestão escolar, possibilitando a estes profissionais a viabilidade de serem agentes de mudança no cenário educacional.

Palavras-chave: Intelectuais orgânicos. Formação de professores. Gramsci.

Abstract

This article proposes a reflection about the formation of teachers in the present, based on the writings of Antônio Gramsci, especially on the function of the “organic” intellectuals, within a critical vision of society, with a view to social transformation. Centrally, we dialogue with the understanding of intellectuals presented by Gramsci in his prison writings, as well as on their influence on school management, as well as on the teacher training process. We recognize the importance of this concept for the formation of critical thinking and, in a certain way, determinant in the cultural, educational, and training processes of professionals critical and involved in the school management process. This is a bibliographical study, with a qualitative approach. We emphasize the importance of a culture based on a humanist education, proposed by Gramsci, as well as on the influence of the author theory on the educational processes of teachers, and its influence on school management, enabling these professionals the feasibility of being agents of change in the educational setting.

Keywords: Organic Intellectuals. Teacher training. Gramsci.

¹ Mestrando em Educação - UFSM. E-mail: psifilipe@hotmail.com

² Mestrando em Educação - UFSM. E-mail: guilhermefilosofo@gmail.com

³ Geógrafo Bacharel e Especialista em Gestão Educacional - UFSM. E-mail: pdrossantos@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Na atualidade alguns questionamentos tem sido recorrentes, relativos ao fazer desempenhado pelos profissionais de educação, e que acarretam, em uma redefinição de papéis relacionados ao fazer docente. Os cursos de formação não têm conseguido atender às exigências apresentadas, quanto à preparação desses profissionais. As novas demandas tornam imprescindível a revisão dos paradigmas de formação dos profissionais para educação básica. Tendo como pressupostos alguns indicadores, que visem: fortalecer os processos de mudança no interior das instituições formadoras; promover o desenvolvimento e aprimoramento da capacidade acadêmica e profissional dos docentes formadores; reformular os currículos dos cursos formadores, visando sua atualização e aperfeiçoamento; conceber cursos formadores articulados com as demandas da realidade escolar na sociedade contemporânea; gerar cursos formadores articulados com a nova concepção e organização pedagógica e curricular da educação básica brasileira, preparando os profissionais que atuarão nesse nível de ensino para serem os agentes das mudanças em curso; promover a melhoria da infraestrutura institucional.

A Lei 9394/96, isto é, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que regula o sistema educacional (público ou privado) do Brasil (da educação básica ao ensino superior), definiu diretrizes inovadoras para a organização e a gestão dos sistemas da educação básica. Na perspectiva de superar a justaposição de etapas fragmentadas, que tem caracterizado a organização da educação escolar até seu advento, a LDBEN aponta para uma concepção de educacional fundada no princípio de continuidade entre Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, caracterizando a Educação Básica, a ser universalizada.

Neste sentido, a escola precisa enfrentar novos desafios, como instituição que desenvolve uma prática educativa, planejada e sistemática, por período extenso e contínuo. Sendo assim, em relação à educação infantil, cabe à escola a importante tarefa de favorecer a construção da identidade e da autonomia da criança e desenvolver o seu conhecimento do mundo. É necessário, também, que o estudante exercite o pensamento crítico e reflexivo, aprenda a comprometer-se, a assumir responsabilidades, a utilizar diferentes recursos tecnológicos e comunicar-se usando várias linguagens. No sentido de promover as mudanças profundas, e necessárias, na formação de profissionais para o magistério da Educação Básica, a Lei 9394/96 cria a figura do Instituto Superior de Educação como espaço privilegiado para esta formação.

As mudanças trazidas pela Lei 9394/96 para a Educação Básica tornaram necessária a reformulação dos cursos formadores de professores para a mesma. A mesma lei, para atender às novas exigências postas para a Educação Básica, criou a figura do Instituto Superior de Educação e o Curso Normal Superior (CNS) e as Licenciaturas em seu interior, como o *locus* privilegiado para a formação de professores, buscou extinguir as rupturas existentes entre os diversos níveis educacionais. Procurou também, eliminar a distância entre a formação feita no Ensino Superior e aquilo que efetivamente acontece no cotidiano das escolas. Os preceitos legais indicam claramente que a integração teoria-prática, a interdisciplinaridade e o ensino por competências são princípios fundamentais para a organização curricular dos cursos formadores. Portanto, não há um modelo ou fórmula pré-estabelecida para uma proposta interdisciplinar nem para a organização do Projeto Pedagógico dos cursos formadores.

Na atualidade sociocultural, política e educacional, diante desta problemática e das constantes crises do modo de produção capitalista, as quais são geradas pelo próprio sistema com sua manutenção de queima da superprodução, conforme, Administradores:

As crises no sistema capitalista são constantes. Muitas resultam da superprodução, quando a produção excede a capacidade do consumo; outras do subconsumo, quando o baixo poder aquisitivo do conjunto de consumidores impossibilita a compra das mercadorias produzidas. Excepcionalmente, as crises podem resultar da ação de grupos que controlam setores estratégicos da produção. Em uma economia global, qualquer crise regional pode se tornar mundial. Como vimos o desenvolvimento tecnológico no setor da informação e dos meios de transportes criou condição para o fortalecimento do setor financeiro. Num simples apertar de botão é possível deslocar milhões de dólares de um lugar para outro. Para os investidores, isso significa a possibilidade de lucros rápidos; mas, para as economias regionais pode significar graves problemas (ADMINISTRADORES, 2017).

Portanto, torna-se fundamental estabelecer o diálogo a respeito do que seria o intelectual, a partir de Gramsci, na compreensão do contexto dos processos de gestão, assim como, formação de professores. Com base nestes questionamentos, e refletindo sobre tais indagações é que objetivamos pensar sobre a função dos intelectuais orgânicos diante do desafio atual no âmbito educacional, principalmente, sobre a influência destes atores no processo de gestão escolar, e de formação docente.

METODOLOGIA

O levantamento dos dados desta pesquisa realizou-se mediante utilização exclusivamente da biblioteca eletrônica virtual de periódicos Scielo, no período compreendido entre 2006 e 2016. A pesquisa foi de caráter bibliográfico e se debruçou na investigação dos periódicos, utilizando-se de uma investigação do Estado da Arte, para mapear e categorizar os artigos.

A pesquisa bibliográfica, refere-se a análise e interpretação de livros e periódicos, a leitura de documentos, manuscritos, mapas, imagens. Visa investigar as mais variadas contribuições científicas existentes sobre um tema específico. (FORTE, 2006).

O Estado da Arte é uma parte muito importante da pesquisa, nela ocorre a fundamentação teórica do estudo, em que se busca identificar referências bibliográficas da investigação em questão, e, portanto, define a finalidade do trabalho (JULIATTO; BORTOLOZZI, 2005).

Como não foram encontrados artigos sobre este tema, foram compilados alguns descritores, que tivessem relevância para a elaboração desta pesquisa, e possuísem em seu título e resumo, alguma das seguintes palavras-chave: Intelectual Orgânico, gestão escolar e formação docente. Como também não foram encontrados artigos que versassem sobre o tema, foi pesquisado apenas um descritor: Intelectual Orgânico.

Dentre os quinze artigos encontrados, seis foram relevantes para a pesquisa deste trabalho: *Bretas e Novaes (2016) - O conceito de coletividade de Anton Makarenko, em seu Poema pedagógico;* *Fernandes (2013) - Intelectuais orgânicos e legitimação do estado no Moçambique pós-indepen-*

dência: o caso do centro de estudos africanos (1975-1985); Guimarães (2012) - *Uma leitura sobre o Império do Brasil no contexto do século XIX: diálogo com Ricardo Salles*; Silva (2009) - TOURAINE, BURAWOY, GRAMSCI: *do social ao político*; Peixoto (2008) - *O serviço de recreação operária e o projeto de conformação da classe operária no Brasil*; e Semeraro (2006) - *Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade*.

Nesse sentido, a pesquisa trata-se com uma abordagem qualitativa, no qual o procedimento utilizado foi a Análise de conteúdo, em que se empregaram técnicas de análise categorial temática. A realização de uma análise consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’, que integram a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição poderá significar algo para o objetivo de análise (BARDIN, 2009).

Com o intuito de alcançar a um dos objetivos desta pesquisa, foram elencados três critérios de procedimentos relacionados aos artigos selecionados:

Leitura e compilação de todos os artigos disponibilizados no periódico Scielo no período de coleta (junho de 2016).

Identificação, nos artigos selecionados, frases/trechos extraídos dos objetivos e resultados que possam ser organizados por categorias.

As frases identificadas na etapa anterior foram classificadas em duas categorias, mediante agrupamento por familiaridade conceitual. A seguir serão demonstrados os resultados e discussões advindos desta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos artigos compilados, sem perder de vista os objetivos desta pesquisa, resultou nas seguintes categorias:

- a) O Intelectual Orgânico;
- b) Desafios para formar Intelectuais Orgânicos na escola brasileira.

A categoria comum a todos os artigos, com maior ou menor aprofundamento, é o do *Intelectual Orgânico* em Gramsci e, em vista disso, fez-se necessário tratar abordar tal temática. A segunda categoria, isto é, *os desafios para formar Intelectuais Orgânicos na escola brasileira*, surge de uma demanda que os periódicos não tratam. Nesse sentido, nos perguntamos: com base nas diversas reflexões sobre o Intelectual Orgânico proposto pelos diversos autores, como fariamos para promovê-lo no sistema educacional brasileiro, com suas atuais características? Em vista disso, a escolha por esta categoria visa oferecer uma reflexão sobre esta temática tão relevante e, e ao qual, nesta busca, não encontramos resultados.

O INTELLECTUAL ORGÂNICO

De acordo com o que fora tratado anteriormente, se faz necessário, com base nos artigos analisados, debater, refletir e inferir sobre a formação de professores, como pensadores contemporâneos, ou seja, indivíduos diferenciados na sociedade atual, devido a uma maior oportunidade de discernir e identificar situações de cunho político/social. Estes também são considerados como intelectuais principalmente devido a um maior contato com leituras reflexivas, conceitos desenvolvidos ao longo de décadas de pesquisas.

No entanto, não devemos focar especificamente na figura do professor(a) como únicos e exclusivos conhecedores da verdade, ou mesmo geradores de saberes e conceitos. Pois intelectuais, não devem ser representados apenas por aqueles que possuem contato com os livros, uma vez que identificamos uma série de indivíduos com uma enorme capacidade reflexiva e argumentativa entre pessoas leigas em diversos temas.

Vejamos como é designada no dicionário a significação do intelectual. Segundo a definição do Dicionário Aurélio (2002), o intelectual é uma pessoa que usa o seu “intelecto” para estudar, refletir ou especular acerca de ideias, de modo que este uso do seu intelecto possua uma relevância social e coletiva. Relevância social, pois somos indivíduos que vivemos em comunidade, e necessitamos desse convívio para desempenhar nossas atividades diárias. Neste sentido, pode-se verificar que entre as comunidades há sempre a presença de determinadas pessoas que ganham uma representatividade entre as demais, tornando-se voz ativa na luta por reivindicações de melhorias para a comunidade onde este está inserido e dela faz parte. Neste momento assume-se o papel do intelectual orgânico, um indivíduo que mais do que apenas pensar, refletir ou questionar, vai em busca de alternativas, propostas, visa ações práticas, não necessitando (necessariamente) de conceitos ou leituras prévias.

O termo “intelectual” teve origem na França durante o Caso Dreyfus. Este caso tomou repercussão após o artigo indignado e denunciatório denominado *J’Accuse*” de Émile Zola. Conforme Wolff:

A revisão do processo de Dreyfus, oficial judeu injustamente condenado por alta traição, aparecem listas de apoio a essa iniciativa assinada por escritores [...], um músico [...], cientista [...], mas também professores, estudantes, arquitetos, advogados, médicos, etc. É Maurice Barrès, antidreyfusista, que qualifica essa iniciativa, por derrisão, de “protesto dos intelectuais”, palavra nova e que se quer pejorativa, mas que é imediatamente retomada pelos interessados. (WOLFF, 2006, p. 47)

A partir de então a palavra passa a ser utilizada na sociedade para se referir às pessoas que pensam criticamente essa sociedade, e Wolff (2006, p. 47) alude aos intelectuais como sendo aqueles que “[...] exercendo uma atividade intelectual, usam seu prestígio adquirido nessas atividades para intervir no debate público e defender valores universais (justiça e verdade, em particular) [...]”. Para tanto, continua Wolff “[...] deve haver três condições, [...], para que haja intelectuais: um certo tipo de sujeito social, um certo tipo de objeto (o universal) e um certo espaço onde ele possa se exprimir”.

Assim, devemos iniciar nossa reflexão, questionando como tem se dado a compreensão histórica do conhecimento popular, da ação pedagógica de resistência e da ação orgânica dos intelectuais na construção de uma contra-hegemonia, para outra hegemonia diferente da posta, perspectivando uma vida plena de sentido para todos, que aponte outra globalização, com condições de equidade econômica e social? Na tentativa de refletir sobre tais indagações é que objetivamos pensar sobre a função dos intelectuais diante do desafio atual, qual seja: propor um modelo de sociedade diferente do posto, que no caso de Gramsci, tem inclinações socialistas.

Utilizando-nos das produções de teóricos que, embasados em questões apontadas por Gramsci, têm se dedicado a compreender a ação dos intelectuais em nosso país frente às exigências da atualidade. Devemos compreender a realidade do modo de produção que vivenciamos, e sua constante

tentativa de homogeneizar as culturas, quebrando com as diferenças existentes e necessárias para cada comunidade, e deste modo inferir a importância dos intelectuais orgânicos para contrapor essa insistente invasão e desrespeito as sociedades:

A atualidade sociocultural, política e educacional nos impregnam de uma aparente impossibilidade de mudanças e um “conformismo” forçado e forjado no cotidiano social ampliado pela situação política atual de retirada dos intelectuais “orgânicos”, cooptados pelo projeto político neoliberal, o que exige uma nova postura dos intelectuais “orgânicos” brasileiros, no sentido de aguçar o pensamento crítico de forma a dar maior visibilidade e organização às possibilidades de transformação social. Diante desta problemática e das constantes crises do modo de produção capitalista, as quais são geradas pelo próprio sistema com sua manutenção de queima da superprodução, torna-se fundamental estabelecer o diálogo a respeito do que seria o intelectual, a partir de Gramsci, na compreensão da realidade atual capitalista e seus métodos de produção e controle dos resultados, da dialética entre centro e periferia, além de apontar proposições superadoras e embasadas na própria realidade, não somente na forma como se apresenta, mas principalmente em sua essência. (PIRES; BRITO; SILVA, 2012, p. 350)

Não esquecendo que a cultura predominante na sociedade é a cultura burguesa. As escolas tradicionais transmitem um conhecimento que deriva da classe dominante, caracterizando-se assim, como elitista. Este tipo de escola foi criado como meio de propagar a cultura burguesa e enquadrar todos os indivíduos nos moldes desta cultura. Por isso, os filhos da classe operária que frequentam estas escolas não se identificam com sua ideologia uma vez que possuem histórias de vida diferentes. A própria escola, conforme Althusser (1985) é um aparelho ideológico de Estado, ou seja, está a serviço de classes dominantes para reproduzir os interesses delas, que, em grande medida, são mercadológicos.

Segundo Gramsci, os estudantes que moram na cidade e que são de famílias de classe média e rica têm maior facilidade de seguir na carreira escolar. Em contrapartida, os estudantes que moram em zonas rurais e que são de famílias mais pobres têm um desenvolvimento menor durante a carreira escolar. Isto acontece porque estes últimos não conseguem se inserir numa concepção de mundo burguesa. Os intelectuais são formados no interior de sua classe. Todo grupo social possui um intelectual que juntamente com o partido assume a função de representar sua classe e de conscientizá-la. Conforme Bretas e Moraes (2016, p.405) Gramsci “defende que todos os homens são intelectuais, mas nem todos exercem essa função como especialista. Ou seja, cada homem, vivendo a cultura, pensa sobre ela e sobre ela age;”. No entanto, Gramsci acrescenta que a classe camponesa não possui intelectuais:

Pode-se observar que os intelectuais “orgânicos” que cada nova classe cria consigo e elabora em seu desenvolvimento progressivo são, na maioria dos casos, “especializações” de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz. (Também os senhores feudais eram detentores de uma particular capacidade técnica, a militar, e é precisamente a partir do momento em que a aristocracia perde o monopólio desta capacidade técnico-militar que se inicia a crise do feudalismo. Mas a formação dos intelectuais no mundo feudal e no mundo clássico precedente é uma questão que deve ser examinada à parte: esta formação e elaboração seguem caminhos e modos que é preciso estudar concretamente. As-

Thaumazein, Ano VII, v. 9, n. 18, Santa Maria, p. 123-134, 2016.

sim, cabe observar que a massa dos camponeses, ainda que desenvolva uma função essencial no mundo da produção, não elabora seus próprios intelectuais “orgânicos” e não “assimila” nenhuma camada de intelectuais “tradicionais”, embora outros grupos sociais extraiam da massa dos camponeses muitos de seus intelectuais e grande parte dos intelectuais tradicionais seja de origem camponesa.) (GRAMSCI, 2006, p. 16).

Inferimos que esta última reflexão realizada por Gramsci, tem base no sentido da formação de indivíduos intelectuais letrados, mas como havíamos sugerido anteriormente, não há apenas intelectuais gerados por meio de leituras, há também a presença de intelectuais orgânicos, que são indivíduos que detém o conhecimento prático, construído a partir de vivências. Um exemplo disto é o agricultor, que não necessitou de formação prévia para saber as formas adequadas para plantação, período de colheita, preparo da terra, cuidados com as variações climáticas, entre outras. Em consonância a esse exemplo, para Fernandes (2013, p. 31), “os intelectuais orgânicos, por sua vez, são aqueles que se engajam na participação ativa da vida prática, como construtores, organizadores e persuasores permanentes.”.

O intelectual orgânico deve ser entendido para além dessas fronteiras pré-estabelecidas pelo próprio sistema que insiste em classificar este ou aquele como intelectual, ou seja, sujeitos capazes ou incapazes que provocar transformações sociais. E podemos inferir que o sistema teme esses indivíduos, pois, estes são as possíveis alternativas sociais de quebra de paradigmas, dogmas, leis, regras, que solidificam o empoderamento do sistema capitalista contemporâneo.

INTELECTUAIS ORGÂNICOS NA ESCOLA BRASILEIRA

Para pensarmos a formação de intelectuais orgânicos, em nosso país, é necessário, num primeiro momento, tratarmos sobre a questão da formação de professores, e esta foi uma das demandas que não encontramos nos seis artigos analisados. Segundo Semeraro (2006, p. 377) “Orgânicos”, [...] são os intelectuais que fazem parte de um organismo vivo e em expansão. Por isso, estão ao mesmo tempo conectados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais mais avançadas que o seu grupo social desenvolve para dirigir a sociedade.”. Mas o que significa isso em nossos sistemas de ensino? De que forma o professor pode fazer isso nos educandos, ou seja, conectá-los as ações de seu grupo social? Em vista disso, problematizaremos as implicações da formação docente na educação dos sujeitos “orgânicos”.

Destarte, a profissionalização da docência é uma temática que surgiu com mais destaque na criação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1945, já que esta é uma das prioridades desta organização. A formação desse profissional é muito importante, conforme Gatti e Barreto (2009, p. 8): “para assegurar uma educação de qualidade para todos, tanto no plano cognitivo quanto na dimensão humanista e ética dessa profissão”. O grande interesse da UNESCO se dá, em grande medida, porque tanto a visão humanística quanto a ética fazem parte da Declaração Mundial dos Direitos Humanos de 1948. Para a qualificação profissão docente, há um certo consenso que até as primeiras conferências dessa Organização já apontavam: compreender as diferentes dimensões da função do magistério, entre elas a formação inicial e continuada, haver condições de

trabalho para um ensino de qualidade, remuneração adequada, organização e política voltada para o docente, acesso, carreira e promoção, avaliação, estabilidade profissional, disciplina, saúde, direitos, deveres e material pedagógico de apoio. De acordo com Gatti e Barreto (2009, p. 9): a Organização das Nações Unidas para a Educação, apesar das propostas de valorização da formação de professores ocorridas nos últimos anos, “pelo Governo Federal e pelos estados, municípios e Distrito Federal, destacando-se mais recentemente a lei que instituiu um piso salarial e o decreto sobre a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica liderada pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)”, a situação ainda é bastante preocupante. As avaliações do nosso ensino mostram um baixo rendimento escolar.

Assim, em nosso país, ao longo dos anos, ocorreram diversas mudanças nos sistemas de ensino, bem como de políticas públicas que visam qualificar a educação. E, tem-se, de modo geral, um panorama que nos remete a pensar que toda a inovação, em especial as de caráter curricular, sobre a formação de professores no Brasil, esbarra na representação tradicional e em interesses bastante específicos de pessoas do ramo. Isso impede que se realizem trabalhos mais integradores e de maior relação com o cotidiano do estudante, o que, sem dúvidas, elevaria a nossa qualidade de ensino. Considerando que a escola está a serviço de classes dominantes para propagar as suas ideologias, se faz necessário pensarmos o que significa ensinar um sujeito a ser um intelectual orgânico.

Primeiramente, para falarmos da formação de professores, necessitamos discutir o significado de ensinar. Nesse sentido, refletimos sobre uma importante questão: o que significa ensinar e/ou aprender? Em uma perspectiva mais prática: como ensinar algo para o estudante em um limitado tempo de aula? Assim, conforme, John Passmore (1980), há uma relação triádica, no qual se alguém ensina, deve haver o alguém e algo a ser ensinado. Nesse caso, ensinar não significa necessariamente atingir o objetivo traçado pelo professor, pois até a sua tentativa é assegurada por essa relação triádica:

Para todo o X, se X ensina, deve existir alguém e algo que é ensinado por X. (Isto é verdadeiro, tanto no caso em que “ensino” significa “tentar ensinar”, como quando significa “ser bem sucedido no ensino”.) (PASSMORE, 1980, p. 5).

Sob essa relação, o professor precisa preocupar-se em tentar ensinar algo. Mesmo insistindo, pode-se não se atingir os objetivos propostos para a turma, e na concepção de Passmore (1980), não significa que não houve aprendizado. Talvez ele seja fragmentado. Haverá algum aprendizado, mesmo que não se atinja o principal objetivo. Ora, se o intelectual orgânico é o indivíduo que mais do que apenas pensar, vai em busca de alternativas, propostas, vai em busca de ações práticas, o ensino deve ser voltado para promover essa autonomia intelectual do estudante, afim de que este possa se apropriar da teoria para modificar o seu meio.

O professor deve ser um facilitador desse processo. Dessa forma, deve planejar e executar as suas propostas de aulas, com a finalidade que os estudantes sejam intelectuais orgânicos. E caso o ensino não seja exitoso, nessa tentativa ocorrerá algum aprendizado por parte do estudante. Com isso, pretende-se que o docente não foque no ensino conteudista, defasado, desinteressante e desestimulador, mas na tentativa de ressignificar os saberes para aplicação na vida cotidiana do estudante.

Além disso, conforme a teoria histórico-cultural de Lev Vygotsky (1896-1934), o desenvolvimento cognitivo das pessoas ocorre por meio de interação social entre os indivíduos e o meio, pois passará da Zona de desenvolvimento proximal⁴ para uma capacidade concreta de aprendizagem. Quer dizer Vygotsky (2003), que o meio em conjunto com as relações sociais, deve fazer parte do processo de aprendizagem. Dessa maneira, o ensino deve ser relacionado com o contexto vivido pelo estudante. Assim, como dito anteriormente, é necessário haver conexões entre o conteúdo e o cotidiano do estudante para promover a sua autonomia intelectual.

Dessa maneira, é notório que a escola brasileira não é formadora de intelectuais orgânicos e isso, em grande medida, se deve a história da formação de professores no nosso país. Em meados do século XX, ocorre o processo de escolarização no país para atender aos anseios da expansão industrial. Antes disso, a escola era elitizada. Poucos tinham acesso. Porém a necessidade de mercado fez com que as pessoas passassem a ter acesso a educação para serem mão de obra do sistema capitalista.

Para isso, o país passou a realizar diversos improvisos e adaptações, como: expansão das escolas normais em nível médio, cursos rápidos de suprimento formativo de docentes, complementação de formações de origens diversas, autorizações especiais para exercício do magistério a não licenciados, admissão de professores leigos e etc. Além dessa oferta em grande escala, pensa-se na ideia de escola como inclusão social. Nesse sentido, aumenta-se a demanda desses profissionais e, consigo, uma necessidade de ofertar uma formação que esteja em consonância com a qualificação desse ensino. E o que se percebeu (e se percebe até hoje) é que a formação dos professores é bastante fragmentada e demasiadamente conteudista.

Parece, porém, contraditório falar que um professor deva promover a autonomia intelectual do estudante, e, por consequência, intelectuais orgânicos, quando ele não tem essa prática durante a sua formação acadêmica. Para pensarmos em qualificar os nossos sistemas de ensino, necessitamos fomentar uma formação docente integral, humanista, reflexivo e ética. Nesse sentido, é fundamental pensar na oferta de uma formação mais cultural para o estudante. Conforme Gramsci:

É preciso elaborar sobre isso um projeto orgânico, sistemático e argumentado. Registro das atividades de caráter predominantemente intelectual. Instituições ligadas à atividade cultural. Método e problemas de método do trabalho intelectual e cultural, seja criativo ou divulgativo. Escola, academia, círculos de diferentes tipos, tais como instituições de elaboração colegiada da vida cultural. Revistas e jornais como meios para organizar e difundir determinados tipos de cultura. (GRAMSCI, 2006, p. 32).

Portanto, falar de formação de professores requer pensar nos problemas históricos que a profissão possui, entre eles, conforme fora apontado, o fenômeno da escolarização em massa, o que demandou improvisos por parte do Estado. No entanto, os cursos formadores de professores parecem estar aquém das demandas de um ensino inovador. A escolarização básica é bastante conteudista e, em contrapartida, pouco reflexiva e cultural. E, nesse sentido, formar intelectuais orgânicos é um desafio para o professor, uma vez que sua formação e o sistema de ensino atual estão em caminhos opostos.

⁴ Período de desenvolvimento potencial em que a criança é capaz de realizar atividades com a colaboração de outras. Nesse período tem de haver necessariamente a interação com outras pessoas em seu ambiente (SANTOS, 2003).

Gramsci sugere a prática da escola unitária, em que na divisão etária dos estudantes, pretende-se promover a autonomia destes indivíduos:

Um ponto importante, no estudo da organização prática da escola unitária, é o que diz respeito ao currículo escolar em seus vários níveis, de acordo com a idade e com o desenvolvimento intelectual e moral dos alunos e com os fins que a própria escola pretende alcançar. A escola unitária ou de formação humanista (entendido este termo, “humanismo”, em sentido amplo e não apenas em sentido tradicional), ou de cultura geral, deveria assumir a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los elevado a um certo grau de maturidade e capacidade para a criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa. (GRAMSCI, 2006, p. 36).

Nesse sentido, se faz necessário que os cursos formadores de professores fomentem intelectuais orgânicos, isto é, profissionais que não visem apenas ao ensino propedêutico, mas que sejam capazes de promover a formação humanística e cultural apontada por Gramsci. Em outras palavras, que as instituições de ensino superior formem professores preocupados com o aspecto cultural que constitui cada indivíduo, pois é por meio deste caminho que se pode inseri-los em sociedade com a mínima autonomia. Ensinar não pressupõe que o estudante irá aprender, porém na sua tentativa, algo será aprendido pelo estudante. Nesse aspecto, o professor deve ser compreendido como facilitador do processo de autonomia intelectual do estudante, para que esse se aproprie do que estuda e venha a ser um intelectual orgânico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao provocarmos a reflexão em torno da figura do professor como um possível intelectual orgânico, presente nas comunidades, compreendemos também que há a necessidade que seja proporcionado, a este, um momento para a formação continuada, prezando principalmente pela qualidade. Com esta reflexão, o intelectual orgânico é e deve ser um indivíduo que tem na ação sua característica central.

A formação docente, enquanto profissão deve ser um caminho para que o professor possa continuar inserido no meio da criação/formação de novos pensamentos, que reconstruam as realidades sociais. E, permita ao professor não apenas visualizar, mas despertar nos educandos novos intelectuais orgânicos, novos líderes comunitários, com base educacional, sujeitos críticos e éticos, que no futuro lutem pelo seu povo, lutem pelos povos.

Inferimos que o país possui totais condições para tornar-se um local produtivo, igualitário, com sistema econômico estável, com sistema de saúde que atenda as necessidades das comunidades. E, neste ponto, entendemos que o papel dos intelectuais orgânicos é viabilizar por meio de ações práticas que isso ocorra. Necessitamos de pessoas que tenham vontade, coragem e principalmente, força argumentativa para se lançarem, e quebrarem as estruturas pré-estabelecidas por um sistema que apenas reproduz e gera benefícios para poucos.

Neste sentido, embora este artigo não se proponha em ser dogmático ou imperativo, com este estudo inferimos a necessidade de que surjam professores com o perfil do intelectual orgânico, pois é

por meio destes que novos indivíduos irão se desenvolver, construir uma identidade que se compromete, e que assume suas responsabilidades e assim, por consequência, provocar uma mudança social a longo tempo. Tentou-se, portanto, apresentar despretensiosamente uma reflexão que não encontramos nos artigos utilizados neste estudo.

REFERÊNCIAS

ADMINISTRADORES. **Modo de produção capitalista e suas crises, concorrência e competitividade do século XXI. Alma dos negócios ou era da conquista?** Disponível em :<<https://goo.gl/uXjBMB>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado (AIE)**. Tradução Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

AURELIO, **O mini dicionário da língua portuguesa**. 4a edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio. 7ª impressão - Rio de Janeiro, 2002.

BRETAS, S; NOVAES, C. O conceito de coletividade de Anton Makarenko, em seu Poema pedagógico. **Rev. bras. Estud. pedagog. (online)**, Brasília, v. 97, n. 246, p. 402-423, maio/ago. 2016.

FERNANDES, C. Intelectuais orgânicos e legitimação do estado no Moçambique pós-independência: o caso do centro de estudos africanos (1975-1985). **Revista Afro-Ásia**, Bahia, n. 48, p. 11-44, jan/jun. 2013.

GATTI, B; BARRETTO, E. S. S. **Professores no Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Unesco, 2009.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere - O Princípio Educativo**. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006b. v. II.

_____. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GUIMARÃES, C. G.. Uma leitura sobre o Império do Brasil no contexto do século XIX: diálogo com Ricardo Salles. **Revista Almanack**. Guarulhos, n. 4, p. 46-52, jul./dez. 2012.

PASSMORE, J. **The Philosophy of Teaching**. London: Duckworth, 1980. Trad.: Olga Pombo (1994/1995).

PEIXOTO, E. O serviço de recreação operária e o projeto de conformação da classe operária no Brasil. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 1 (55), p. 115-140, jan./abr. 2008.

PIRES, A,C; BRITO, D.A; SILVA, M.C.P. **A Função dos Intelectuais e o papel da escola na Organização da Cultura**. Campinas: Revista HISTEDBR. n. 47, p. 349-362, set. 2012.

SANTOS, B. S. **Vygotsky e a teoria histórico-cultural**. In LA ROSA, Jorge, (Org.) *Psicologia e Educação - O signfica do Aprender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SEMERARO, G. Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade. **Revista Cad. Cedes**, Campinas, v. 26, n. 70, p. 373-391, set./dez. 2006.

Thaumazein, Ano VII, v. 9, n. 18, Santa Maria, p. 123-134, 2016.

SILVA, L. M. TOURAINE, BURAWOY, GRAMSCI: do social ao político. **Caderno CRH**, Salvador, v. 22, n. 56, p. 281-296, Maio/Ago. 2009.

WOLFF, F. **Dilema dos intelectuais**. In: NOVAES, A. O silêncio dos intelectuais. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.